

O alemão que desceu ao inferno brasileiro.

FOTOS DIVULGAÇÃO

Verão combina com sol, praia, mulheres bonitas e diversão. Tudo isso pode ser encontrado em um país tropical chamado Brasil. Do outro lado do mundo, na Europa, o alemão Rodger Klingler sabia disso, pois era apaixonado pelo país e desde muito cedo cultivava o sonho de conhecer esse local de que tanto ouvia falar.

Em 1983, Klingler faz sua primeira viagem ao país tupiniquim. O destino é o Rio de Janeiro, onde se hospeda em Copacabana. Logo conhece o submundo carioca, e a atração é envolvente. Assiste de perto à prostituição e ao tráfico. O jovem, que nunca havia experimentado drogas, torna-se usuário frequente de cocaína e fica fascinado pelo baixo custo da substância comparado ao da Alemanha.

As férias acabam e junto o dinheiro. Era preciso retornar, trabalhar e planejar o regresso ao Brasil. Quando consegue, no ano seguinte, o alemão tem um plano de negócio lucrativo. Com a perspectiva de fazer uma pequena fortuna comprando o pó aqui e revendendo na Alemanha, tenta voltar para casa com um quilo de cocaína em uma costura falsa da jaqueta. Mas em 24 de dezembro de 1984, véspera de Natal, Klingler é pego no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro.

Durante os quatro anos em que cumpriu pena no Brasil – período de desventuras, que incluíram brigas com outros presos, torneios heróicos de futebol e uma fracassada tentativa de fuga –, passou por diferentes presídios.

A partir dessa experiência, o turista que queria ser traficante decidiu contar a sua história e o faz em seu segundo livro, “Memórias do Submundo” – o primeiro lançado no Brasil. Sem pudores, relata incontáveis abusos da polícia, maus-tratos sofridos pelos detentos, momentos de humilhações e as amizades que fez. Foi testemunha ocular do início da aids e do surgimento do crack na cadeia. Tinha 21 anos. Hoje, com 44 e vivendo em seu país natal, Klingler trabalha como roteirista. “Memórias do Submundo” virou roteiro, mas falta diretor. O material já foi encaminhado a José Padilha (“Tropa de Elite”) para avaliação. O escritor quer transformar o seu livro em filme para mostrar “uma aventura muito envolvente”. E deixa um recado: “Fique longe das drogas, porque leva ao inferno, só lendo o meu livro!”.

Em entrevista por email, o escritor fala sobre sua experiência no Brasil, sistema carcerário brasileiro e sobre uma possível volta ao país.



Rodger Klingler revela experiências da prisão do Brasil no livro “Memórias do Submundo”.



Em sua primeira visita à cidade do Rio de Janeiro, em 1983.

Você acha que com o lançamento do livro conseguiu chamar atenção para as condições dos presídios do país? Qual é o seu grande objetivo com a divulgação desse livro?

Rodger Klingler – De longe é muito difícil saber se o meu livro chamou atenção das autoridades, tomara que sim. Foram dois objetivos. Primeiro, como escritor, quero apresentar uma história interessante e divertir o leitor com a minha obra. Depois, quero que o livro seja o início de uma mudança para melhor. O Brasil não merece isto, é uma vergonha que as coisas sejam assim. É preciso tratar este assunto com mais inteligência.

Poderia fazer um paralelo entre os sistemas carcerários do Brasil e da Alemanha?

Klingler – Na Alemanha, o sistema carcerário é bem diferente, os detentos têm trabalho, não há armas nos presídios, a alimentação é boa. A única vantagem que o sistema no Brasil tem é que os presidiários podem receber visita íntima, que na Alemanha está proibido. Na Alemanha também não é tudo de ouro, mas neste sentido somos muito mais avançados do que o Brasil. Você querendo, pode se preparar para uma vida futura atrás das grades.

Na juventude você acreditava na impunidade da justiça brasileira?

Klingler – Não, ainda não pensava em justiça naquela época, até porque a decisão de entrar no tráfico cresceu no Brasil. Mas eu pensava como muitos outros, que a mim não aconteceria nada.

Quando você veio para o Brasil já sabia falar Português? Como aprendeu?

Klingler – A primeira vez que entrei no Brasil foi em 1983, e quase não falava português. Aprendi no próprio estudo, e conviver com os brasileiros me ajudou muito a praticar e aprender a língua.

Você acredita na reeducação de um detento?

Klingler – Acredito muito, porque ninguém nasce vagabundo. Todo mundo comete erros na vida, mas todos merecem uma segunda chance. Minha vida hoje em dia é normal, sou casado e vivo uma vida muito feliz.

Para obter uma melhora nas prisões brasileiras, no seu ponto de vista, o que deveria ser modificado?

Klingler – Para isto, você precisa de especialistas que criem um modelo em que os prisioneiros tenham obrigações, como frequentar escola, trabalho diário, fazer esporte, enfim, preparar os detentos para a liberdade. Para que eles saiam mais fortes do que entraram. A educação é a chave principal do problema. A prevenção, na minha opinião, é o tema que parece não existir na cabeça das autoridades. Pagar um salário razoável para os policiais, educá-los e prepará-los para o serviço deles. Não esquecendo que os presídios brasileiros são velhos demais. Mais espaço para os presidiários, alimentação melhor, criar condições humanas...

Tem vontade de retornar ao Brasil? Por quê?

Klingler – Até agora não posso entrar no país. Já fiz um pedido ao Ministério da Justiça, mas não obtive resposta. Espero que isto mude, porque amo o Brasil. Às vezes penso que fui brasileiro em uma outra vida. Tenho uma atração pelo Brasil que não tem explicação. (Camila de Moraes)

Serviço

“Memórias do Submundo”,

Rodger Klingler
Editora BestSeller
384 páginas
R\$ 29,90*



*Preço sugerido